

hipóteses de século

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 9 • 2009

## Cabral do Nascimento tradutor

Um intelectual entre a «vilazinha pobre» e a «biblioteca» do mundo

Ana Salgueiro Rodrigues

**Ana Salgueiro Rodrigues**, mestre em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), doutoranda no Centro de Estudos Comparatistas da FLUL, Bolseira da FCT. E-mail: [amsalgueiro@fl.ul.pt](mailto:amsalgueiro@fl.ul.pt)



Cabral do Nascimento  
(Funchal, 1897 – Lisboa, 1978)

Ícaro sou [...]  
Este desejo audaz de imensidade  
[...]  
E sempre ficarei no mundo  
Pai da Ilusão, do Sonho e da Quimera.

Cabral do Nascimento, *Alguns Sonetos* (1924)

*Na vilazinha pobre*

Na vilazinha pobre  
[...]  
Reina um silêncio sepulcral mesmo quando se fala.  
[...]  
Não se fala do mundo:  
Não há passado, nem presente, nem futuro.

Cabral do Nascimento, *Confidência* (1945)

## 1. Questões primeiras

Ao reflectirmos sobre a tradução desenvolvida por Cabral do Nascimento (Funchal, 1897-Lisboa, 1978) entre os anos de 1940 e 1970<sup>1</sup>, procuraremos sublinhar a relevância da obra de um intelectual português que a História da Cultura Portuguesa tem ignorado injustamente, assim como realçar o papel desenvolvido pela tradução durante o período do Estado Novo, enquanto fenómeno que se opôs à política cultural salazarista do *orgulhosamente sós*.

É esta a posição defendida por, entre outros, Alexandra Assis Rosa<sup>2</sup>. Seguindo a teoria dos polissistemas que os Estudos de Tradução desenvolveram a partir dos anos 1970, a autora propõe um conceito de tradução que também nos acompanha no presente trabalho. Na senda de Even-Zohar, afirma Rosa: «translation is, by definition, one of the indirect channels of a usually invisible process of interference of other linguistic, cultural and literary systems» nos sistemas culturais de chegada. Compreende-se, assim, a crítica implícita nas suas palavras, quando se refere ao desinteresse que a Historiografia portuguesa tem manifestado relativamente à «quantitative and qualitative historical importance of translation in linguistic cultural and literary systems»<sup>3</sup>. Será neste quadro de uma Histo-

<sup>1</sup> Cabral do Nascimento (CN) inicia a publicação das suas traduções em 1942, na Portugália, com duas obras de língua inglesa, pertencentes ao sistema cultural britânico: EVANS, Benjamin Ifor – *História da Literatura Inglesa*. Lisboa: Portugália/Instituto Britânico, [1942]; STEVENSON, Robert Louis – *O estranho caso do Dr. Jeckill e do Sr. Hide*. Lisboa: Portugália, [1942].

<sup>2</sup> A propósito do estudo da tradução em Portugal no séc. XX, veja-se o importante trabalho que tem sido desenvolvido pelo Projecto «História literária e traduções. Representação do outro na cultura portuguesa», coordenado por Teresa Seruya (Universidade Católica de Lisboa).

<sup>3</sup> ROSA, Alexandra Assis – Does translation have a say in the History of our contemporary linguacultures?, p. 77-8.

riografia da Cultura Portuguesa *cega* relativamente ao papel desempenhado pela tradução ao longo do século XX que se explica a invisibilidade a que tem estado sujeita a figura de Nascimento.

Escritor madeirense de ascendência luso-britânica, identificável com os sujeitos dos versos em epígrafe, Nascimento não raras vezes se manifestou contra situações que confinam o homem ao insulamento entre fronteiras estreitas. Aliás, é contra uma dessas situações que se insurge o sarcástico Eu do poema «Na vilazinha pobre», inequívoca alegoria do Portugal salazarista dos anos 1940, justamente a década em que o escritor dá início à sua fecunda actividade tradutória.

Convocando para aqui as palavras de Edward Said, quando define o intelectual como um exilado, um «perturbador do *status quo*», ocupado em «derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação»<sup>4</sup>, podemos afirmar que também a obra de Nascimento nos revela um intelectual exilado que quase sempre foi um *tradutor*: um mediador empenhado em viajar entre espaços, tempos, culturas e línguas, ora trazendo esses muitos *outros* até ao *hic et nunc* do leitor, ora, inversamente, levando este até esses *outros*. O objectivo da globalidade da sua obra parece ter sido sempre o mesmo: servir de ponte ou criar textos e instituições capazes de suplantar os abismos temporais, espaciais, linguísticos e culturais que separam os homens. Um objectivo não dissociável da nostalgia do Absoluto que perpassa por toda a sua poesia e que se encontra claramente ilustrada na figura de Ícaro, com a qual o escritor várias vezes se identificou.

Para este intelectual a busca de um inatingível Absoluto cultural não se confinará apenas à sua produção literária, hoje praticamente ignorada pelo cânone, mas cujo mérito foi legitimamente reconhecido em vida do autor<sup>5</sup>. À sua faceta de poeta devemos acrescentar muitas outras: a de historiador e arquivista responsável pela fundação do Arquivo Distrital do Funchal, de que viria a ser o primeiro Director (1931-1954); a de fundador e colaborador em diversos periódicos de carácter literário, cultural e político<sup>6</sup>; a de responsável pela organização de várias antologias de literatura portuguesa<sup>7</sup>; a de professor, actividade que, como bem viu V. Castagna, terá reforçado nele «o sentido pedagógico» e a «consciência da responsabilidade do intelectual na divulgação da cultura»<sup>8</sup>; a de cronista, ensaísta e crítico literário; ou até a de genealogista.

E nem mesmo a filiação monárquica no *nacionalismo integralista* da década de 1920 o fará ignorar a situação periférica do sistema cultural português ou até compactuar com um conceito de cultura confinado a fronteiras geo-políticas. O seu posicionamento será

---

<sup>4</sup> SAID, Edward – *Representações do intelectual. As palestras de Reith de 1993*, p. 13-14.

<sup>5</sup> CN conviveu com os principais grupos culturais do seu tempo (*Orpheu*, círculo integralista de António Sardinha, *Presença*, *Cadernos de Poesia*, *Távola Redonda*, etc.). O seu espólio na Biblioteca Nacional (BN) dá testemunho do diálogo que mantinha com figuras de vulto da cultura portuguesa do séc. XX e ainda com estrangeiros. A nível institucional lembremos que o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) atribuiu a CN o Prémio Antero de Quental – 1943.

<sup>6</sup> Participou, p. ex., na fundação da revista *Ícaro* (1919, Coimbra), do jornal monárquico *Restauração* (1921, Coimbra), da revista *Arquivo Histórico da Madeira* (1931), dos *Cadernos de Poesia* (1940). Colaborou regularmente em periódicos madeirense entre as décadas 1910-1930 com a sua assinatura e com o pseudónimo João Cayado. Participou em publicações como *A Árvore*, *Távola Redonda* ou *Colóquio-Letras*.

<sup>7</sup> Cf. Bibliografia final.

<sup>8</sup> CASTAGNA, Vanessa – *Cabral do Nascimento Tradutor Literário*, p. 7.

sempre mais o de um cosmopolita aberto ao intercâmbio cultural, do que o de um nacionalista *tout court*. Se para Nascimento «a poesia é só uma», expressão tomada como lema pelo projecto *Cadernos de Poesia* e a qual, segundo Jorge de Sena, foi da autoria do autor madeirense<sup>9</sup>, será legítimo passar da poesia à cultura e afirmar que, para ele, também a cultura é apenas uma, sem que isto signifique uma concepção cultural imperialista.

Aliás, já num artigo publicado em 1924 no *Diário de Notícias* do Funchal Nascimento se distanciava, com ironia, daquilo que, em outro texto, designa por «patriotice» nacionalista e/ou regionalista<sup>10</sup>. Afirma o autor, no artigo de 1924:

Os tempos actuais estão cheios dessa palavra nacionalismo, e da sua irmã mais nova — o regionalismo. Nunca, como hoje, se falou tanto disso em Portugal. Restrito ainda há poucos anos ao esquema doutrinário dos integralistas, o nacionalismo extravazou e contaminou a república das letras [...] por este caminhar, cada um de nós terá de ser considerado, nos anais da crítica, como o maior escritor da sua rua...<sup>11</sup>.

Não surpreende, por isso, que meses mais tarde, mas ainda no mesmo jornal, o futuro tradutor sublinhe a importância da tradução enquanto fenómeno que potencia a superação de fronteiras geo-políticas e linguísticas, promovendo o diálogo intercultural, mesmo quando se trata de um diálogo assimétrico e limitado, entre sistemas culturais centrais e sistemas culturais periféricos. Defende, o intelectual:

É tempo, na verdade, de [através da tradução] restituir à Europa uma literatura europeia, que devido à exiguidade da sua expansão linguística teimava em permanecer entalada entre Castela e o mar [...]. Neste descobrimento que os outros povos vêm realizando das belas-letas de Portugal, certos óbices se levantam ao conhecimento perfeito. Há escritores que são, por assim dizer, intraduzíveis [...]. A prosa sinfónica de Fialho de Almeida pode servir bem como exemplo [...] [Há, de facto,] obras de literatura nacional [...] [que] se ressentem dum certo localismo, que muitas vezes exclui a compreensão universal<sup>12</sup>.

E não admira também que, anos mais tarde, já a residir em Lisboa, mas num país cujo poder político teimava em querer redimensionar Portugal ao perfil de um arquipélago isolado do mundo, o intelectual madeirense tenha optado por dedicar parte substancial da sua vida à actividade tradutória, a qual o fará granjear o estatuto de «exímio tradutor» ou de um dos «maiores» e «mais perfeitos» tradutores portugueses<sup>13</sup>.

Afirmações como estas, apresentadas em contextos que não permitiram fazê-las acompanhar da respectiva fundamentação, acabam por alimentar ambiguidades e suscitar dúvidas. O que será um tradutor exímio e por que razão este autor é considerado como tal? Que critérios orientaram estas apreciações? Porém, mesmo assim, essas afirmações

<sup>9</sup> Cf. CARLOS, Luís Adriano; FRIAS, Joana Matos — Introdução. *Cadernos de Poesia*, p. X-XII.

<sup>10</sup> CABRAL, João — Queiroz póstumo, p. 1.

<sup>11</sup> CABRAL, João — Nacionalismo Literário, p. 1.

<sup>12</sup> CABRAL, João — Intercâmbios, p. 1.

<sup>13</sup> Por ex.: MACHADO, Álvaro Manuel (org.) — *Dicionário de Literatura Portuguesa*, p. 333; TEIXEIRA, Mónica, *Cabral do Nascimento. A Palavra da Confidência e a Herança do Simbolismo Francês*, p. 28.

põem em destaque a (intuída) importância da actividade tradutória do autor, tantas vezes negligenciada.

Embora Nascimento não tenha deixado nenhum texto onde reflecta, em exclusivo, sobre a sua poética de tradução, nem por isso deixou de manifestar textualmente uma profunda valorização quer da actividade tradutória enquanto agente dinamizador e divulgador de cultura<sup>14</sup>, quer dos autores/textos/culturas de partida que constituem o seu *corpus* tradutório. Este facto explicará em parte a razão pela qual o intelectual evitou traduzir obras que sentia ultrapassarem as suas competências translatórias (p. ex. René Char), ou recusou fazer a tradução (ou fazendo-a, recorreu a um pseudónimo) de textos com os quais não se identificava de alguma forma (p. ex. Aragon, Le Carré, Willy Dias, F. Barclay)<sup>15</sup>.

Como demonstração desse posicionamento ético e valorizador da tradução, veja-se a opção por traduzir obras integrais, quando a prática mais comum em Portugal, até aos anos 1930, era a tradução de fragmentos textuais, editados não em livro, mas em publicações periódicas<sup>16</sup>. No mesmo sentido, sublinhe-se a apresentação de notas correctivas e/ou explicativas, quando Nascimento reedita traduções anteriores<sup>17</sup>, demonstrando, assim, o cuidado com que procede à revisão dos seus trabalhos, antes e depois de publicados. Aliás, este cuidado encontra-se claramente manifesto em inúmeros bilhetes do tradutor destinados a Luís Amaro (um dos seus principais interlocutores na Portugália), onde aquele se insurge contra as indevidas correcções efectuadas pelos revisores da editora:

---

<sup>14</sup> Cf. p. ex.: «Num artigo aqui publicado há poucas semanas, tive ocasião de fazer notar como certos estrangeiros dedicavam actualmente à literatura portuguesa uma atenção e um interesse que não estávamos em verdade habituados a vêr. Entre eles [sic], citei o escritor inglês sr. Aubrey F. G. Bell [...]. A êle, e ao sr. Edgar Prestage, muito devemos na divulgação europeia do nosso património intelectual [...] os seus escritos [de Bell], por graça dos quais Portugal atravessa a Mancha e vai ainda aos países de língua inglesa através do Atlântico». In CABRAL, João – Os Ingleses e a Literatura Portuguesa, p: 1.

<sup>15</sup> Cf. Correspondência de CN existente no espólio de Luís Amaro – BN, espólio N5. Um pseudónimo adoptado por CN na assinatura de traduções é Mário Gonçalves – cf. Quadro 2.

<sup>16</sup> Cf. RODRIGUES, A. Gonçalves – *A Tradução em Portugal*, Vol. IV e V. Esta nova prática de edição de traduções completas e em livro parece ter sido iniciada no nosso país não apenas por CN, mas por um conjunto de tradutores cuja actividade se desenvolveu a partir dos anos 1940. CN foi um dos tradutores mais produtivos desse grupo, onde se destacam outros como Jorge de Sena, Gaspar Simões, Casais Monteiro, José Rodrigues Miguéis, Lopes Graça, Maria Franco, etc.

<sup>17</sup> V. Castagna analisou algumas dessas notas, concluindo que a sua ocorrência vai diminuindo à medida que CN ganha prestígio como tradutor, o que, no entender da autora, revelaria uma ligeira mudança no paradigma tradutório adoptado. Sem quereremos pôr em causa, no geral, estas conclusões, julgamos que, em alguns casos, o não investimento em notas, por parte do tradutor, a que acresce, muitas vezes, uma simplificação dos textos, com fim à legibilidade, se podem ficar a dever apenas às características da colecção em que os textos são editados e não propriamente a uma efectiva mudança de poética de tradução. Tomem-se, como exemplo, dois casos de reedição da tradução de uma mesma obra, onde o factor colecção parece ser determinante na alteração (ou não) do trabalho translatório inicial. Em 1942, a Portugália fazia publicar, na sua colecção «Os Romances Sensacionais», a 1.ª edição da tradução, por CN, do romance de Stevenson, *O Estranho Caso do Doutor Jekyll e do Mr Hyde*. Porém, quando em 1965 reedita, em 2.ª ed., a tradução do mesmo romance, agora na colecção «O Livro de Bolso», tudo é alterado: o título passa a ser *O Médico e o Monstro* (por clara influência do cinema); o texto é reduzido, acontecendo o mesmo às notas. Pelo contrário, a reedição da tradução de *Terna é a Noite* de Fitzgerald, sempre na mesma colecção da Portugália («Colecção Contemporânea»), manterá o mesmo título, não se registando alterações textuais significativas da 1.ª edição (1962) para a 2.ª edição revista (1966).

Estou a rever cuidadosamente os Filhos e Amantes [sic] e tenho feito muitas emendas, quer pelo confronto com o original, quer no tocante a estilo. Embora a tradução houvesse sido apreciada, hoje já não me satisfaria inteiramente. Isto tudo para explicar a demora na devolução das folhas. Julgo, todavia, que não há uma pressa por aí além;<sup>18</sup>

Decididamente, o revisor do *Moinho* não revê, e convém despedi-lo antes que faça mais asneira. Tenho estado a ver as provas e confrange-me o trabalho perdido – dele e meu! Deixa passar a maior parte das gralhas de composição e faz emendas perigosas: *caracteres* corrigiu para *carâcteres*! Põe comas em todas as frases familiares, como se se tratasse de calão! Estou já farto de desfazer o que o homem tem feito, e ainda vou no princípio! Peço providências urgentes<sup>19</sup>.

E, por fim, saliente-se ainda a constante indicação do título original da obra traduzida, frequentes vezes acompanhada de indicações bio-bibliográficas e contextuais referentes às obras e autores em causa, factos reveladores do respeito do tradutor pelo texto/autor de partida<sup>20</sup>.

Contudo, parece-nos que uma prova inegável da importância que Nascimento atribua à actividade translatória é o facto de, a partir dos anos 1950, o intelectual reduzir consideravelmente o seu investimento na criação de textos de sua autoria exclusiva (*Fábulas*, o seu último livro de *originais*, sai em 1955). Em alternativa, a partir dessa altura, redirecciona a sua actividade cultural para a área da crítica e divulgação literárias, ocupando-se da organização de antologias e, acima de tudo, da tradução, actividade a que se dedicará com maior intensidade nas décadas seguintes.

De facto, a época em que o intelectual madeirense mais investe na tradução estende-se desde o princípio dos anos 1950 até meados dos anos 1970, com especial incidência em três fases. Entre 1952-53 e 1956-62, publica grande número de traduções sob a assinatura de Nascimento, mas tendo ainda editado sob o pseudónimo Mário Gonçalves traduções relevantes: *Madame Bovary* (1953); *Ana Karerina* (1954); e dois livros de Máximo Gorki (*Clim Sanguine* e *O Espectador* – 1958). Entre 1964-67, o número de traduções editadas sob pseudónimo aproxima-se do das atribuídas ao nome civil do poeta. E, por fim, nos anos 1970-74, já depois da *Primavera Marcelista*, assistimos a um novo aumento da edição de traduções do intelectual madeirense (cf. Quadros 1 e 2).

Os dados recolhidos levam-nos a supor que, em termos de concepção tradutória, Nascimento, ainda que orientado por uma poética de tradução domesticadora, não foi de

---

<sup>18</sup> Bilhete em papel branco dirigido a LA, sem datação ou indicação de local. Cf. Espólio N5 (Luís Amaro). Note-se, aqui, a convivência de duas preocupações, que, julgamos, acompanhará toda a sua actividade tradutória: a do respeito pelo texto de partida; e a do cuidado com o estilo do texto de chegada – uma espécie de ponto de equilíbrio entre uma estratégia translatória domesticadora e estrangeirizante.

<sup>19</sup> Bilhete postal enviado a LA, datado de 29-10-1968 – cf. Espólio N5 (Luís Amaro).

<sup>20</sup> São raríssimas as traduções de CN em que não conste o título de partida. Mesmo quando se trata de antologias de narrativas breves de autores vários, há o cuidado de, na página que antecede a tradução, indicar esse título, por vezes acompanhado de alguma nota bio-bibliográfica. Diversos bilhetes enviados a Luís Amaro (LA) dão conta de que CN era não só tradutor, como ainda autor de muitas destas notas bio-bibliográficas. Veja-se, p. ex.: «Preciso de segundas provas dos *Contos Ingleses*. Em especial da nota biográfica de Joseph Conrad, que não está bem redigida. Recebi as quatro primeiras fôlhas impressas» – bilhete postal datado de 15-Set-1944, enviado de Penela – cf. Espólio N5 (Luís Amaro).

todo alheio à norma de adequação<sup>21</sup>. É certo que a aceitabilidade se afirmaria como norma mais espectável, junto de um nacionalista cosmopolita que, ainda por mais, traduzia no contexto do Estado Novo. Lembremos que o paradigma tradutório oficialmente prescrito era, nesses anos, precisamente o da aceitabilidade, ou melhor, para usarmos um termo caro a João de Castro Osório, o da tradução *nacionalizante*<sup>22</sup>.

No entanto, verificamos que Nascimento tenderá para um paradigma híbrido: por um lado, empenhando-se em dar visibilidade ao tradutor e ao autor de partida, mostrando que a obra editada é uma tradução e não um suposto *original*<sup>23</sup>; por outro, cuidando da fluência do texto traduzido e da sua aceitabilidade junto da cultura de chegada, incluindo-se aqui quer os leitores, quer, obviamente, a inultrapassável Censura.

Aliás, é no contexto desta preocupação com a recepção dos textos traduzidos que entendemos o destaque concedido ao nome do poeta, em grande número de traduções da sua responsabilidade. A inscrição do nome Cabral do Nascimento, não raras vezes acompanhado do epíteto «poeta», quer em capas, quer em folhas de rosto, prefácios, notas dos editores ou índices de colecção, leva-nos a considerar que, à semelhança do que ocorria, no mesmo período, com traduções atribuídas a outras figuras destacadas da cultura portuguesa (p. ex.: Pessoa, Casais Monteiro, Gaspar Simões, Jorge de Sena, etc.), a ostentação do nome do tradutor (que também era conhecido como escritor ou crítico literário) surgia, a diversos níveis, como chancela de uma suposta qualidade de tradução e como factor de legitimação do texto de partida, sendo, talvez por isso, manipulado pelas editoras, como técnica de marketing<sup>24</sup>.

Por outro lado, a atribuição da responsabilidade tradutória a um poeta que fora galardoado com o prémio Antero de Quental-1943, e que, para além disto, fora correligionário de diversos grupos nacionalistas, sendo ainda conhecido quer como investigador da História do Descobrimento da Madeira, quer como organizador de antologias de literatura portuguesa era passível de ser entendidos pela Censura (independentemente do seu fundamento) como garantia de que aquelas traduções não fariam perigar os valores *patrióticos* do Estado Novo.

Só um trabalho de cotejo dos textos de partida com os de chegada poderá efectivamente avaliar qual o paradigma tradutório seguido por Nascimento. Não é este o nosso objectivo no presente trabalho, embora reconhecamos que muitas das afirmações que

---

<sup>21</sup> Entende-se por princípio de *adequação*, aquele que leva o tradutor a respeitar, na medida do possível, os valores e normas do sistema cultural de partida do texto traduzido, produzindo uma tradução *strangeirizante*. Pelo contrário, o princípio da *aceitabilidade* é o aplicado pelo tradutor que reescreve um texto numa outra língua, seguindo as normas vigorantes no sistema cultural de chegada, ou seja, produzindo uma tradução *domesticadora*. Cf. TOURY, Gideon – The nature and role of norms in translation, p. 53-64.

<sup>22</sup> A propósito do paradigma tradutório defendido por João de Castro Osório e da sua ligação com a política cultural do Estado Novo, ver SERUYA, Teresa; MONIZ, Maria Lin Sousa – História Literária e Traduções no Estado Novo.

<sup>23</sup> A propósito da visibilidade/invisibilidade do tradutor ver VENUTI, Lawrence – Invisibility, p. 1-42.

<sup>24</sup> Muitas traduções de CN são acompanhadas por afirmações como esta: «a tradução de O moinho à beira do rio [sic] é já uma amostra do que pretendemos. O escritor e poeta Cabral do Nascimento houve-se admiravelmente da sua difícil tarefa. A riqueza lingüística de George Eliot nada perdeu do seu frescor; a poesia da obra original manteve-se viva na tradução», Nota dos Editores. In ELIOT, George – *O Moinho à Beira do Rio*, p. 11.

aqui pretendemos demonstrar ganhariam outra validade com essa análise<sup>25</sup>. Mesmo assim, desenvolvendo uma linha de análise «function-oriented» (e não «product-oriented»)<sup>26</sup>, procuraremos determinar qual o papel desempenhado pelas traduções de Nascimento no sistema cultural de chegada, apontando ainda algumas pistas relativamente à ligação que se possa estabelecer entre a actividade tradutória do escritor e a sua obra literária.

A nossa base conceptual é, como já adiantámos, a teoria dos polissistemas. E nesta medida partimos de três pressupostos basilares: a tradução é um fenómeno da cultura de chegada; o tradutor é um co-autor e a sua tradução é um exercício de reescrita; e por fim, fazendo-nos valer do conceito de «planificação de cultura» explicitado por Even-Zohar e Gideon Toury, partimos também do princípio de que a tradução, enquanto fenómeno cultural projectado com o intuito de promover alterações no sistema cultural de chegada, pode ser entendida como um caso de planificação de cultura<sup>27</sup>.

## 2. Traduzindo contra o silêncio ou a edificação de uma biblioteca cosmopolita

Em 1935, a propósito do discurso proferido por Salazar na cerimónia de entrega do polémico Prémio Antero de Quental – 1934, Fernando Pessoa antevia aquele que viria a ser o conceito de cultura do ditador. Em carta dirigida (mas não enviada) a Casais Monteiro, afirmava:

Desde o discurso que Salazar fez em 21 de Fevereiro deste ano, na distribuição de prémios no Secretariado de Propaganda Nacional, ficámos sabendo, todos nós que escrevemos, que estava substituída a regra restritiva da Censura, «não se pode dizer isto ou aquilo», pela regra soviética do Poder, «tem que se dizer aquilo ou isto».<sup>28</sup>

E num outro texto em francês do mesmo período, acrescentava ainda: «la solution naturelle est de ne rien publier» ou então cultivar «une vaste littérature du silence»<sup>29</sup>.

Nascimento não terá conhecido estes dois textos de Pessoa, mas certamente comunharia com este seu antigo companheiro de tertúlia dos anos 1915-1916<sup>30</sup> a mesma

---

<sup>25</sup> Castagna analisou contrastivamente as traduções de *Le Lettere da Capri* de Matio Soldati, *Emigranti* de Francesco Perri, *La coscienza di Zeno* de Italo Svevo, e às traduções directas de poemas de Allan Pöe. Concluiu que, nos casos italianos, há uma evidente tendência domesticadora (espectável, dada a mediação da tradução francesa). Contudo, nos poemas de Pöe, a norma tradutória é inequivocamente a adequação – CASTAGNA – *Cabral do Nascimento tradutor...*

<sup>26</sup> HOLMES, James S. – *The name and nature of translation studies*, p. 66-80.

<sup>27</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar – Planificación Cultural e Resistencia na Creación e Supervivencia de Entidades Sociais; TOURY, Gideon – A tradução como meio de planificação e a planificação da tradução, p. 17-32.

<sup>28</sup> Carta de Pessoa a Adolfo Casais Monteiro existente no espólio pessoano, *apud* BAPTISTA, Jacinto – *À procura do espírito...*, p. 95.

<sup>29</sup> *Apud* BAPTISTA, Jacinto – *À procura do espírito...*, p. 95.

<sup>30</sup> Em 1915, CN inicia o curso de Direito em Lisboa, convivendo aqui com vários grupos culturais, desde o do *Orpheu* ao dos integralistas de António Sardinha. Numa nota biográfica enviada a Gaspar Simões a 13 de Outubro de 1962, CN assume a sua aproximação ao grupo *Orpheu*, explicando ainda o atribulado processo da sua licenciatura: «Aqui me relacionei com alguns poetas e artistas de Orfeu e publiquei o primeiro folheto de versos. Suspendi os estudos durante a guerra – os submarinos alemães corriam nossos mares – e continuei-os em Coimbra, de 1919 a 1922» (BN, Espólio E16). Os espólios de Pessoa e CN documentam o diálogo existente entre ambos.

indignação e dissonância relativamente à política cultural advogada pelo Presidente do Conselho, opondo-se ao silêncio cultural e intelectual pretendido por Salazar. É neste contexto ideológico que enquadrámos a vasta actividade tradutória do intelectual madeirense, entendendo-a, justamente, como um meio de planificação de cultura contra o silenciamento do *outro*, pretendido pelo Estado Novo.

Com a sua assinatura ou sob o pseudónimo Mário Gonçalves, Nascimento contribuiu para a introdução no sistema cultural português de, pelo menos, 114 autores e mais de 120 textos, pertencentes a cerca de 11 sistemas literários nacionais distintos (cf. Quadro 1 e 2<sup>31</sup>). Pearl S. Buck, Truman Capote, Thomas Hardy, D. H. Lawrence, Carson McCullers, Máximo Gorki, Robert Louis Stevenson e Oscar Wilde são alguns dos autores de quem Nascimento traduziu várias obras. Como fica claro nesta breve referência, sobressaem no seu repertório, traduções de autores de língua inglesa, provindos maioritariamente dos sistemas literários britânico e norte-americano. Aliás, a associação do nome de Nascimento à literatura anglófona, e particularmente à inglesa, surge documentada em vários textos, como, por exemplo, uma carta de Amândio César, responsável pelo «Suplemento Cultural» do *Diário Ilustrado*, em que afirma:

Vai o «Diário Ilustrado» pela página literária, dedicar as colunas do dia 16 à Literatura Inglesa [...] sendo o Dr. Cabral do Nascimento um conhecedor profundo dessa literatura, o tempo é o que menos contará para lhe pedir um artigo sobre literatura inglesa [...]. Querirá o meu Ex.<sup>mo</sup> amigo escrever um artigo sobre qualquer assunto particular ou geral? A poesia (alguma) será tratada pelo Jorge de Sena. Dava-lhe pois inteira liberdade no tema e pedia-lhe que o texto não excedesse duas páginas. Poderá ser?<sup>32</sup>

Sublinhe-se ainda que muitos dos autores e obras traduzidas por Nascimento eram potenciais alvos da Censura. Não só porque os autores em causa se identificavam com posicionamentos ideológicos e/ou morais considerados reprováveis pelo Estado Novo (p. ex.: Máximo Gorki, Oscar Wilde, etc.), mas também porque a substância temática das obras em questão era passível de ferir a susceptibilidade daqueles que pretendiam uma sociedade orientada pelos ideais de «Deus, Pátria e Família». Vejam-se os casos de *Madame Bovary* (1953), *Ana Karenina* (1954), *Carne Viva* (1955), *A Inquisição Espanhola* (s.d), ou até a obra de D. H. Lawrence, autor que à data da sua morte (1930) era censurado na liberal Inglaterra, por atentado à moral<sup>33</sup>.

E, de facto, pesem embora as ligações pessoais do tradutor a figuras próximas do regime, nem por isso a obra translatória do intelectual madeirense deixou de ser visada pela Censura. Castagna apresenta provas de que assim aconteceu, pelo menos duas vezes, em datas muito próximas da da aposentação antecipada de Nascimento da Escola Ferreira Borges, onde exerceu a docência até 1958. Referimo-nos à tradução de *Madame Bovary*, editada em 1953, e à tradução de *Le lettere da Capri* de Soldati, cuja 1.<sup>a</sup> edição, de 1955,

<sup>31</sup> Estes quadros apenas indicam as traduções por nós efectivamente consultadas. Há notícia de outras que não localizámos: cf. CASTAGNA – *Cabral do Nascimento...*; e TEIXEIRA – *Cabral do Nascimento. A herança...*

<sup>32</sup> Carta sem datação, enviada por Amândio César, não anterior a 1971, ano em que César contacta pela primeira vez Cabral do Nascimento (BN, espólio N28/43).

<sup>33</sup> A propósito da censura a traduções ver SERUYA, Teresa; MONIZ, Maria Lin – *Translation and censorship...*

saiu com o sugestivo título *Carne viva*<sup>34</sup>. Aliás, o cruzamento da data da aposentação do autor com as (muito próximas) datas da publicação desta duas traduções, a que se juntam quer a ambiguidade do discurso do poeta-tradutor quando se refere à antecipação da sua reforma, em carta de 1962 dirigida a Gaspar Simões, quer ainda o facto de, nessa mesma carta, Nascimento manifestar o desejo de permanecer em África e, portanto, longe da metrópole<sup>35</sup>, levam-nos a colocar a hipótese de haver alguma ligação entre estes dados biográficos<sup>36</sup>. Reforçam esta suspeita, o testemunho de Inácia Dias Fiorillo, co-tradutora com Nascimento da obra de Soldati e entrevistada por Castagna em 2005. Fiorillo afirma terem sido os tradutores de *Carne Viva* ameaçados pela Censura, dado os inspectores classificarem a obra como potencialmente pornográfica<sup>37</sup>.

Verificamos, assim, que, embora Nascimento se afirme politicamente como um conservador monárquico desde a década de 1910, nem por isso deixou de se distanciar da política cultural de Salazar, sendo talvez a sua actividade tradutória a manifestação mais evidente dessa oposição ideológica. Lembremos que, já em 1924, o intelectual madeirense satiriza a *patriotice* dos que defendiam o confinamento da cultura portuguesa aos limites das suas reduzidas fronteiras geo-políticas e culturais. Citando Eça de Queiroz, Nascimento defende que «um povo só vive porque pensa» e «um espírito superior, afeito às cousas elevadas e espirituais, esse aprende a ser nacional se acaso atravessa o estrangeiro ou aí instala a sua residência»<sup>38</sup>. Afirmções como esta tornam claro que, para o poeta-tradutor, o diálogo entre homens e o cruzamento de fronteiras ideológicas e culturais eram entendidos como uma mais valia que não punha em risco a identidade individual e pátria<sup>39</sup>. Mais do que isto, Nascimento parece entender que é, de facto, desta permanente tensão entre o familiar e o estranho, entre o *Eu* e o *outro*, que os homens, as culturas e as nações se forjam e desenvolvem<sup>40</sup>.

---

<sup>34</sup> *Carne Viva* consta na lista de obras proibidas em Portugal durante a vigência de Salazar. Porém, viria a ser reeditada em 1973, com um título mais neutro: *Cartas de Capri*. A propósito das traduções de obras italianas por CN, ver CASTAGNA – *Cabral do Nascimento Tradutor...*

<sup>35</sup> «Aos dados biográficos que já conhece – dum homem que não tem história, apesar da sua vida já longa – pouco poderei ajuntar que seja de interesse para a interpretação da obra e do autor [...] *hoje estou aposentado de Professor da Escola Ferreira Borges (antes do limite de idade, é claro...)* [...] *Ultimamente tenho estado em Angola, onde vivem pessoas de família e onde gostaria de residir se não fosse esta incerteza que sabemos*. Nada, pois, de espírito de aventura, que não possuo, mas *apenas a força das circunstâncias*; sou indivíduo metódico, com a preocupação quase doentia da ordem.» – dados biográficos cedidos a pedido de Gaspar Simões; carta dirigida a este, datada de 13 de Outubro de 1962 – BN, espólio E16 (J.G. Simões). Itálicos nossos.

<sup>36</sup> Em Julho de 2008 tivemos oportunidade de entrevistar o filho (Dr. João Crawford) e a nora (D. Matilde Crawford) de CN. Inquirindo-os sobre os motivos da antecipação da reforma, afirmaram desconheçê-los. Porém, João Crawford confessou sempre ter ficado com a sensação de que o pai o fizera para poder dispor de mais tempo para as suas traduções.

<sup>37</sup> CASTAGNA – *Cabral do Nascimento...*, p. 129.

<sup>38</sup> CABRAL, João – Queiroz Póstumo. *Diário de Notícias*. Funchal. (26 Abr. 1924) p. 1.

<sup>39</sup> A ideia de que as fronteiras entre homens, culturas e ideologias, longe de serem separações estanques, antes eram realidades porosas, que permitiam simultânea e complexamente identificações e separações, fica clara em vários textos do autor. Cf. NASCIMENTO, Cabral – Antuérpia. *Cadernos de poesia*. Lisboa: [s.n.] N.º 1 (1940), p. 3. Ver também crónica atribuída a um dos seus pseudónimos: ESCÓRCIO, Simão – Algumas passagens num almoço de homenagem. *Restauração*. Coimbra: [s.n.] N.º 40 (8 Abr. 1922) p. 2.

<sup>40</sup> Não ignorar que CN tem uma ascendência luso-britânica, nasce na Madeira e é um profundo conhecedor da História desta ilha atlântica que, desde os primeiros tempos da colonização até aos turísticos séculos XIX e XX, funcionou sempre como pólo de imigração e emigração. Enquanto historiador, CN tinha consciência de

Assim, o intelectual advoga a concepção de uma cultura portuguesa de qualidade, autónoma do partidarismo político, ecléctica, aberta ao contributo que o *Outro* possa transportar para o seu seio e conciliadora das tradições nacionais com as vigorantes em outros sistemas estrangeiros. É nesta concepção de cultura que encontramos o princípio que conduz Nascimento à actividade tradutória e o qual se coloca claramente nos antípodas do pensamento salazarista.

Quando em 1933 António Ferro, o então Director do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), punha em marcha a sua «Política do Espírito», o regime iniciava uma cruzada nacionalista que visava pôr a arte, a cultura e a intelectualidade ao serviço do Estado. Tentava-se, assim, excluir do sistema cultural português tudo aquilo que escapasse aos valores morais e ideológicos afectos ao código deontológico do Estado Novo<sup>41</sup>. A favor de uma Ordem e dos supostos valores genuínos da Nação, todos aqueles que se afastassem desse projecto cultural deveriam ser silenciados pelo lápis azul da Censura, pelo *index* de proibições de leitura ou até pela perseguição da PIDE.

Este *status quo* que pretendia confinar os encontros culturais dos intelectuais portugueses ao perímetro das fronteiras nacionais estabelecidas por Salazar, e do qual, como já vimos, Nascimento também foi vítima enquanto tradutor, provocaria no poeta insular um sentimento de exílio cultural, denunciado em poemas como «Na vilazinha pobre».

Portanto, não será de estranhar que o intelectual luso-britânico, por iniciativa própria ou indigitado por outros que comungavam do mesmo conceito de cultura nacional cosmopolita<sup>42</sup>, tenha concebido a sua obra tradutória como meio capaz de alargar (quantitativa e qualitativamente) o repertório textual disponível no sistema cultural português, transferindo para este um vasto número de obras, na sua grande maioria desconhecidas do público nacional e reconhecidas internacionalmente como obras de mérito<sup>43</sup>.

Tudo isto num tempo em que o sistema político teimava em querer fechar culturalmente o país ao estrangeiro, e em que o poder instalado procurava não só ditar o cânone (lembramos, por exemplo, os prémios criados pela propaganda salazarista nos domínios da arte e da ciência, e, principalmente, o polémico trabalho de selecção literária encomendado a João de Castro Osório pelo SNI<sup>44</sup>), como também confinar o sistema literário nacional a um exclusivo repertório nacional e nacionalista, quer por via da Censura, quer por intermédio da criação de bibliotecas oficiais, onde apenas deviam constar os livros permitidos pelo *index*. Referimo-nos, em particular, às Bibliotecas Ambulantes de Cultura Popular e, a partir de 1947, às Bibliotecas das Casas do Povo.

---

que a identidade cultural da Madeira se forjou, justamente, por via desse constante atravessamento de fronteiras, manifestando-se contra todo o tipo de insulamento restritivo.

<sup>41</sup> Cf. BAPTISTA, Jacinto – À procura do espírito...

<sup>42</sup> Leia-se particularmente neste «outros» uma referência às editoras que apostaram na publicação de traduções.

<sup>43</sup> Um conjunto assinalável de autores traduzidos por CN encontravam-se inéditos, até então, em Portugal e foram galardoados com prémios de referência mundial. Entre outros, ver: *Prémio Strega* – Mário Soldati (1954); *Prémio Goncourt* – Maxence Van der Meersch (1936); *Prémio Pulitzer* – Willa Cather (1923), Katherine Anne Porter (1966); *Prémio Nobel* – Pearl Buck (1938), Ivan Bunin (1933), Albert Camus (1957), William Faulkner (1949), Anatole France (1921), Ernest Hemingway (1954), Selma Lagerlöf (1909), John Steinbeck (1962).

<sup>44</sup> Em 1947 é publicado este polémico trabalho de selecção e crítica literárias, encomendado pelo Secretariado Nacional de Informação (substituto do SPN). O título é *ilustrativo do conteúdo e propósito do texto: Ordenação Crítica dos Autores e Obras Essenciais da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Ed. Império.

Analisando aquele que foi o papel destas bibliotecas oficiais, Jorge Ramos do Ó afirma que todas estas instituições culturais funcionavam como instrumentos propagandísticos ao serviço da legitimação do conceito salazarista de cultura nacional. Do levantamento efectuado por este historiador, podemos concluir da quase total exclusão de autores estrangeiros do repertório das referidas bibliotecas<sup>45</sup>, facto que vem também corroborar a tese que aqui pretendemos argumentar: a tradução de Nascimento (e não só), desenvolvida durante o período do Estado Novo, deve ser entendida, a par de outras manifestações culturais (p. ex.: o neo-realismo de feição didáctico-militante ou o surrealismo mais exuberantemente provocatório<sup>46</sup>) como um fenómeno de *resistência*, contribuindo, ainda que de forma quase sempre insinuante, para que o sistema cultural português nunca se reduzisse apenas àquilo que eram as prescrições do regime

Neste sentido, verificamos que Nascimento colabora em alguns projectos editoriais passíveis de serem incluídos naquilo que Marcelo Caetano adjectivaria, em 1954, de «empresas mais atrevidas», ocupadas em «publicar colecções suspeitas de vulgarização doutrinária ou bibliotecas cosmopolitas», e não em editar exclusivamente, como o regime pretendia que se fizesse, as desejáveis obras «de carácter tradicionalista e nacionalista, que seria[m] certamente muito bem acolhida[s] pelos serviços» do Estado Novo<sup>47</sup>.

À *biblioteca salazarista* limitada (e limitadora)<sup>48</sup>, empenhada no isolamento de Portugal relativamente ao Mundo e na «fabricação de uma nação parada e satisfeita consigo mesma»<sup>49</sup>, contrapõe-se, em certa medida, a *biblioteca* de Nascimento. Esta, sendo contemporânea da edificação da primeira, distingue-se inequivocamente daquela, pelo seu carácter cosmopolita, ecléctico e actual(izante), e pela insistência em lembrar que Portugal não é uma nação isolada no mundo e que entre a sua cultura e a dos outros é possível encontrar afinidades e divergências, sendo ambas entendidas como cultural e intelectual-mente enriquecedoras.

Acresce em importância na *biblioteca* de Nascimento o facto de ela não concorrer com a do regime salazarista apenas no tempo em que foi edificada, mas também no público a que se destinou, como podemos deduzir a partir da análise dos locais (editoras e colecções) onde os textos traduzidos por este intelectual foram publicados (cf. Quadros 1 e 2).

Encontramos traduções suas em colecções destinadas ao público infanto-juvenil (p. ex. «Biblioteca Verbo Juvenil» ou «Inquérito Juvenil»), em séries de espionagem/policial (p. ex. a «Alibi» das Ed. 70), em colecções de literatura negra (p. ex. a «Xis» da Minerva) ou ainda nas destinadas à publicação de textos de carácter biográfico (p. ex. a «Documentos Humanos» da Portugália). Porém estes exemplos são pontuais. A grande maioria das traduções de Nascimento foi publicada (e é ainda hoje – sublinhe-se a longevidade do exercício tradutório deste intelectual), em dois diferentes tipos de colecção: as séries generalistas de pequeno formato ou de bolso que, como consta na contracapa das edições da «Biblioteca

<sup>45</sup> Ó, Jorge Ramos do – *Os anos de Ferro...*, p. 142-143.

<sup>46</sup> Jorge Ramos do Ó sublinha particularmente estes dois fenómenos culturais, não notando o importante contributo da tradução neste mesmo sentido. Cf. DO Ó, *Os anos...*, p. 212-16.

<sup>47</sup> CAETANO, Marcelo – As bibliotecas das Casas do Povo e os seus recheios bibliográficos. *Mensário das Casas do Povo*. N.º 102 (Dez. 1954), *apud* DO Ó – *Os anos...*, p. 232.

<sup>48</sup> Entenda-se *biblioteca salazarista* como o limitado repertório textual a que o Estado Novo pretendia confinar o sistema cultural português.

<sup>49</sup> Cf. Ó – *Os Anos...*, p. 232.

Popular Minerva», dão à estampa «algumas das obras fundamentais da literatura mundial, com textos integrais e por preço acessível», procurando conciliar a qualidade literária (do texto de partida e da tradução) com um baixo custo do livro (p. ex. «Minerva de Bolso»; «Biblioteca d'Algibeira» da Portugália; «Miniatura», da Livros do Brasil); e outro tipo de colecções, estas, sem dúvida, com maior relevo no repertório de Nascimento, onde o objectivo parece ser a divulgação de obras canónicas da literatura universal e de obras contemporâneas em vias de canonização. Entre estas últimas colecções destacam-se, para além da «Os Melhores Autores Contemporâneos» (Minerva), e da «Contemporânea» (Portugália), as duas grandes colecções da Portugália que apresentam esse perfil: a «Antologias Universais» e principalmente a «Os Romances Universais», cujo repertório é amplamente preenchido por traduções do intelectual madeirense. De resto, esta última colecção será inaugurada em 1943, com uma tradução de George Eliot (*O Moinho à Beira do Rio*), da responsabilidade do poeta-tradutor, que é acompanhada de uma «Nota dos Editores» que resume o espírito deste tipo de séries:

O completo desconhecimento entre nós dos grandes romancistas ingleses e a tradição, há muito perdida, que levava certos editores portugueses, durante os primeiros anos do nosso século, a fazer traduzir e publicar algumas das obras-primas do romance universal, determina-nos a orientar o programa de OS ROMANCES UNIVERSAIS no sentido de uma criteriosa divulgação no nosso país daquelas obras que, quer no passado quer no presente, representam a expressão suprema do génio novelístico universal [...]. Traduzir não basta; é preciso traduzir com escrupulo. Todas as obras por nós publicadas nessa colectânea serão rigorosamente integrais, e tanto quanto possível traduzidas da língua original.<sup>50</sup>

Mas as traduções de Nascimento não foram tornadas públicas apenas através da edição de livros. Foram-no também por via da representação teatral, da adaptação ao teatro radiofónico ou da simples recitação radiofónica. Em 1951, escrevendo a Luís Amaro, Nascimento dá conta de que, tudo levava a crer, a sua tradução de «Sorriso de Gioconda» de Aldous Huxley, publicada em *Os melhores contos ingleses*, era adaptada à cena pelo Teatro Variedades<sup>51</sup>. E em 1956 era editada pelo Teatro d'Arte de Lisboa, instituição dirigida pelo escritor, filósofo e também tradutor Orlando Vitorino, a tradução de Nascimento de um texto de Prestley (*Já Aqui Estive*). Segundo as indicações da contracapa, esta publicação destinava-se a ser vendida em livrarias, mas também no próprio teatro, aos espectadores, facto que nos leva a supor que esta tradução foi, de facto, encenada e realizada para esse fim<sup>52</sup>.

Quanto às adaptações/recitações radiofónicas, elas parecem ter sido várias. Em 1963, escrevendo de Sá da Bandeira, o tradutor responde a uma solicitação de Luís Amaro, declarando:

---

<sup>50</sup> Nota dos Editores. In ELIOT, George – *O Moinho à Beira do Rio*. Lisboa: Portugália, [1943], p. 9-11.

<sup>51</sup> Bilhete-postal de Lisboa, 18-8-1951, dirigido a L. Amaro, espólio N5. A tradução de *Os Melhores Contos Ingleses* é uma das que não conseguimos localizar.

<sup>52</sup> PRIESTLEY, J. B. – *Já Aqui Estive*. Lisboa: Teatro d'Arte de Lisboa, 1956.

Quanto à autorização para aproveitarem os diálogos [de *Retrato duma Senhora* de Henry James] na adaptação radiofónica, não tenho dúvida de a dar (embora me estropiem a prosa). É claro que daí não resulta vantagem material para mim, todavia não me desagradaria receber da Portugália uma compensação pelas provas revistas...<sup>53</sup>

E já em 1978, cerca de um mês antes da sua morte, numa carta remetida pela Sociedade Portuguesa de Autores, Nascimento é solicitado a conceder autorização para que a Radiodifusão Portuguesa possa «apresentar na rúbrica [sic] “Contraponto”, alguns fragmentos da sua tradução da obra “NOITE SEM LUA”, de John Steinbeck.»<sup>54</sup>

Verificamos, assim, que a vasta obra tradutória deixada pelo escritor madeirense não se destinou apenas à elite intelectual e a um grupo restrito de leitores cosmopolitas. À semelhança das bibliotecas populares do Estado Novo, mas assumindo, como já vimos, propósitos bem distintos, a *biblioteca* de Nascimento oferece-se a um público vasto e também diversificado, abrangendo inclusive as margens analfabetas ou pouco escolarizadas da sociedade, por via das emissões radiofónicas. Um público heterogéneo que, em grande parte dos casos, adquiriu, de facto, essas traduções, se tivermos em consideração o número de reedições identificadas (cf. Quadros 1 e 2).

É neste contexto, e não esquecendo que Nascimento foi também crítico literário e divulgador de literatura portuguesa<sup>55</sup>, que entendemos a sua obra tradutória como um exemplo de planificação de cultura. Gideon Toury lembra, a propósito deste conceito, que a decisão de traduzir (ou não) um texto de uma dada cultura para outro sistema cultural nunca é uma decisão impensada ou insignificante e que qualquer acto tradutório está sujeito a constrangimentos sócio-culturais mais ou menos evidentes ou conscientes. Por conseguinte, a tradução é, segundo Toury, um caso paradigmático de planificação de cultura, enquanto acto mais ou menos deliberado e consciente do tradutor intervir no seio de uma comunidade, instalando aqui a hipótese de uma mudança, pela apresentação de repertórios alternativos relativamente aos já institucionalizados, e os quais poderão preencher lacunas aí identificadas<sup>56</sup>.

Como já vimos, Nascimento conhece as fragilidades do sistema cultural português, situado na periferia dos centros culturais ocidentais quer pela evolução histórica, quer, desde a década de 1930, pela política do Estado Novo. Por outro lado, desde os anos 1920, manifesta a consciência de que a tradução pode ser um importante contributo para a superação da defectividade registada em qualquer sistema cultural. A este propósito, registre-se que em 1921-22 Nascimento publica no jornal monárquico *Restauração* uma série de folhetins policiais, género novo originalmente escrito em português. Entre estes encontra-se, justamente, a pseudo-tradução de uma narrativa policial atribuída ao autor fictício Houston Cherry, criado pelo futuro tradutor madeirense<sup>57</sup>.

<sup>53</sup> Carta de Sá da Bandeira, datada de 4-2-1963 e dirigida a L. Amaro – BN, espólio N5.

<sup>54</sup> Carta datada de 26-1-1978, proveniente da Sociedade Portuguesa de Autores – BN, espólio N28/130.

<sup>55</sup> A propósito da relevância de CN como organizador de antologias literárias ver BAUBETA, Patrícia – *The Anthology in Portugal: a new approach to the History of Portuguese Literature in the twentieth century*.

<sup>56</sup> TOURY, Gideon Toury – *A Tradução como Meio de Planificação...*

<sup>57</sup> CHERRY, Houston – Aristides em Zifú, p. 2. Esta narrativa policial (de forte pendor satírico contra a situação política e sócio-cultural vigorante no país) gira em torno do detective norte-americano Aristides H.

Inferimos daqui que, ao iniciar a sua actividade tradutória nos anos 1940, este intelectual o faz consciente de que a tradução poderá, efectivamente, contribuir para a alteração do sistema cultural português, mesmo que à revelia da política cultural projectada por Salazar, o qual, tentará inibir a edificação da *biblioteca* cosmopolita pretendida por Nascimento e seus pares.

Acrescente-se ainda que a importância deste tradutor para a cultura portuguesa não se limita ao facto de ele ser responsável pela transferência para o nosso sistema literário de géneros, autores e obras ainda aqui pouco divulgados. Estende-se a outras particularidades inovadoras que caracterizam a sua obra de tradução. Já anotámos o facto de o poeta-tradutor fazer parte do grupo de intelectuais que, a partir da década de 1940, apostaram na tradução para português de obras integrais e na publicação dessas traduções em livro. Registe-se agora o facto, igualmente inovador, de este intelectual traduzir essencialmente, por via directa e em número considerável, textos anglófonos, num período em que a influência da cultura francesa se fazia ainda sentir com bastante acuidade em Portugal, registando-se logicamente uma maior apetência por traduções de textos francófonos<sup>58</sup>. Tendo em consideração a importância que, ao longo do século XX, o contributo anglo-saxónico passou a assumir na cultura portuguesa, não custa reconhecer que, a par do cinema e de outros importantes tradutores e divulgadores culturais, Nascimento teve também um papel de relevo na aproximação de Portugal às literaturas britânica e norte-americana.

Verificamos, assim, que, pese embora a frequente adopção de uma poética de tradução domesticadora, a *biblioteca* do poeta-tradutor procura incutir no sistema cultural português uma certa inovação e abertura. E aqui, coloca-se outra questão premente: porquê traduzir tanto e, simultaneamente, naturalizar os textos de partida? A resposta, julgamos, prende-se com questões contextuais, mas principalmente com o ideograma do autor madeirense.

Se a tradução é um fenómeno da cultura de chegada, então ela não pode ser alheia (mesmo quando se lhe opõe) ao quadro mental e político da sua época e, no caso particular da tradução de Nascimento, aos constrangimentos políticos e culturais vigorantes durante o Estado Novo. Aliás, este tradutor mostra conhecer perfeitamente essas limitações, quando, ao escrever a Luís Amaro a propósito de um certo texto a publicar na revista *Árvore*, aconselha cautelosamente o amigo: «Já li o primeiro artigo e achei-o 100% comunista. Realmente, é melhor não pôr o número à venda...». E em outra carta, a propósito de uma tradução realizada por Amaro, Nascimento questiona-se acerca da capacidade do leitor português compreender (e ler de facto) a obra traduzida.

Já acabei a leitura do *Coração Débil* [...]. Acho a sua tradução muito correcta, e torno a felicitá-lo, tanto mais que essa novela é de redacção difícil e ingrata por causa do excesso de diálogo e ausência de «pitoresco». Compreendê-la-á o público?<sup>59</sup>

---

Bolger. Este será também o protagonista do folhetim policial atribuído a dois outros pseudónimos/heterónimos (?) de CN: João da Nova e Simão Escórcio.

<sup>58</sup> Cf. RODRIGUES, Gonçalves – *A tradução em Portugal*...

<sup>59</sup> Correspondência de CN para L. Amaro: primeiro, um bilhete sem datação e redigido a lápis (ironicamente) no verso de um convite do Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, de Janeiro de 1953; a segunda citação consta numa carta com datação imprecisa (Quarta-feira, 24) e talvez enviada de

Assim, se o intelectual madeirense pretendia, como nos parece, promover a actualização da cultura portuguesa por via das suas traduções, ele sabia que a leitura efectiva destes textos implicaria (por decreto político e pelas características do leitor nacional) uma limitação dos potenciais desvios às normas sancionadas pela cultura de chegada e particularmente vigiadas pelo *lápiz azul*. Como acontecia nas publicações periódicas e na edição de textos literários nacionais, onde diversas tácticas, por vezes até retóricas (p. ex., metaforização, alegorização, alusão, ambiguidade, etc.), eram utilizadas para que o interdito e o proscrito, escapando à Censura, pudessem ser ditos e lidos, também a tradução tinha de seguir um modelo de dissimulação do novo. É neste sentido que, em primeiro lugar, entendemos o recurso de Nascimento a um paradigma de tradução nacionalizante. Note-se que, muitas vezes (p. ex. *Ana Karerina* ou *Clim Sanguine*), as suas traduções surgem acompanhadas de notas prefaciais que, sob a capa de uma singela orientação de leitura, procuram atenuar particularidades mais polémicas e de potencial dificuldade de aceitação no contexto político-cultural português.

Por outro lado, consideramos que a opção de Nascimento pelo paradigma tradutório domesticador se prende ainda com dois outros factores: o seu conceito de cultura-literatura; o seu posicionamento ideológico-político.

A propósito do primeiro, evoquemos aqui o prefácio de Nascimento à 1ª edição das suas *Líricas Portuguesas* (1945). Depois de se referir à inclusão de «traduções de versículos da Bíblia» em antologias anglo-americanas de poesia, o prefaciador e organizador da selecta afirma:

Além do que se inventa, convém não esquecer o que vale a pena renovar [...] Tudo se renova, e o que era velho, uma vez limpo do pó e apresentado como moderno, ganha aspectos ousados e fascinantes [...] [e quando autores portugueses] se extraviavam várias vezes por sendas estranhas, enriquece[m] com novos temas o programa estreito a que [...] [a] tradição [portuguesa] os sujeitaria. [...] [Também] não vá inferir-se que o lirismo português tem carácter de tão ampla liberdade que se haja mantido à parte dos movimentos estrangeiros, numa independência inatingível [...]. É sempre, pois, de toda a conveniência lançar um olhar para o que já foi realizado [...] fazer confrontos de épocas e meditar na persistência e na efemeridade dos génios.<sup>60</sup>

Estas palavras configuram uma poética que concebe o literário como um contínuo exercício de reescrita daquilo que outros (em outros tempos e/ou em outros espaços) criaram. Neste sentido, o escritor é, para Nascimento, um leitor particularmente atento aos valores culturais, sempre sujeitos à tensão entre continuidade e ruptura; e é, sobretudo, um legítimo recriador do património literário universal, entendido como algo não confinável a fronteiras históricas e geo-políticas. Compreende-se, assim, a intensa dedicação do intelectual madeirense, a partir dos anos 1950, à prática da tradução domesticadora, por quanto esta se identifica com o conceito de (re)criação literária que, em 1945, Nascimento defendia ser fundamental.

---

Penela, onde, em outro bilhete, CN se refere à tradução de Luís Amaro do texto de Dostoievski, *Conaço Débil*, editado pela Portugália (BN, Espólio N5).

<sup>60</sup> NASCIMENTO, Cabra do (selec.) – *Líricas Portuguesas*, p. 13-19.

Quanto ao segundo factor acima enunciado como determinante para a adopção de uma poética de tradução domesticadora, lembremos o aparente paradoxo ideológico detectável no pensamento do intelectual madeirense: a simultânea defesa do nacionalismo e do cosmopolitismo. A tradução domesticadora apresentava-se, a este nível, como exercício textual e cultural que permitia a conciliação entre esses dois posicionamentos ideológicos, geralmente entendidos como incompatíveis. Não se identificando, de todo, com a situação periférica e insulada para que o Estado Novo insistia em conduzir Portugal, Nascimento parece encontrar neste paradigma tradutório uma forma de superar o seu sentimento exílico, atravessando fronteiras, sem abdicar da sua autonomia crítica, da sua identidade própria e procurando zelar pelos valores da sua cultura nacional. Por isso, projecta uma *biblioteca*, onde a tradução emerge como processo de negociação, de encontro e desencontro entre o *Eu* e o *outro*, entre o nacional e o estrangeiro.

Recuperando a metáfora com que abrimos o presente trabalho, podemos afirmar que Cabral do Nascimento foi de facto um Ícaro, teimando em voar sempre mais alto para ver mais longe, mesmo quando, ao cair, se apercebia da dificuldade que constituía o seu sonho de edificação de uma cultura portuguesa mais aberta ao Mundo e valorizada por este.

## BIBLIOGRAFIA<sup>61</sup>

- BAPTISTA, Jacinto – À procura do espírito na «Política do Espírito» do Estado Novo. In MEDINA, João (dir.) – *História de Portugal*. Alfragide: Ediclube, 1993. Vol. XIII, p. 63-102.
- BAUBETA, Patrícia – *The anthology in Portugal: a new approach to the History of Portuguese Literature in the twentieth century*. [s.l.]: Peter Lang Publishing, 2007.
- CABRAL, João – Intercâmbios. *Diário de Notícias*. Funchal (30 Ago. 1924) p. 1.
- CABRAL, João – Nacionalismo Literário. *Diário de Notícias*. Funchal (16 Maio 1924) p. 1.
- CABRAL, João – Os Ingleses e a Literatura Portuguesa. *Diário de Notícias*. Funchal (20 Set. 1924) p. 1.
- CABRAL, João – Queiroz póstumo. *Diário de Notícias*. Funchal (26 Abr. 1924) p. 1.
- CARLOS, Luís Adriano; FRIAS, Joana Matos – Introdução. *Cadernos de Poesia (reprodução fac-similada)*. Porto: Campo das Letras, 2004. p. X-XII.
- CASTAGNA, Vanessa – *Cabral do Nascimento tradutor literário*. Venezia: Università Ca'Foscari Venezia/Facoltà di Lingue e Letteratura Staniere (texto policopiado), s.d. [2006?] Tesi di dottorato.
- CHERRY, Houston – Aristides em Zifíú. *Restauração*. Coimbra: [s.n.]. Ano I, n.º 37 (11 Mar. 1922) p. 2.
- Ó, Jorge Ramos do – *Os anos de Ferro. O dispositivo cultural durante a «Política do Espírito», 1933-1949*. Lisboa: Ed. Estampa, 1999.

---

<sup>61</sup> Acresce à bibliografia indicada, o conjunto das traduções realizadas por CN. Por economia de espaço, referimos as traduções por nós analisadas (e apenas estas) nos Quadros 1 e 2.

- EVEN-ZOHAR, Itamar – *Planificación Cultural e Resistencia na Creación e Supervivencia de Entidades Sociais*, [22 Fev. 2007]. Disponível em www: <URL: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/planresg.htm>>.
- EVEN-ZOHAR, Itamar – *Polysystem Theory. Poetics Today*. Durham: Duke University Press. Vol. 11, n.º 1 (Spring 1990) p. 9-26.
- EVEN-ZOHAR, Itamar – *The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. Poetics Today*. Durham: Duke University Press. Vol. 11, n.º 1 (Spring 1990) p. 45-51.
- NASCIMENTO, Cabral (org.) – *A Madeira*. Lisboa: Portugália, 1958.
- NASCIMENTO, Cabral – *Colectânea de versos portugueses do séc. XII-XX*. Lisboa: Minerva, 1964.
- NASCIMENTO, Cabral – *Líricas Portuguesas*. 2.ª série. 2.ª ed.. Lisboa: Portugália, 1957 [1945].
- NASCIMENTO, Cabral – *Lugares selectos de autores portugueses que escreveram sobre o arquipélago da Madeira*. Funchal: Delegação Turismo da Madeira, 1949.
- NASCIMENTO, Cabral – *Poesia portuguesa do séc. XII a 1915*. Lisboa: Verbo-Livros RTP, 1972.
- NASCIMENTO, Cabral – *Poemas narrativos portugueses*. Lisboa: Minerva, 1949.
- RODRIGUES, A. A. Gonçalves – *A Tradução em Portugal. Tentativa de resenha cronológica das traduções em língua portuguesa excluindo o Brasil de 1495 a 1950*. Lisboa: Isla. Vol. IV (1994) e V (1999).
- ROSA, Alexandra Assis – *Does translation have a say in the History of our contemporary linguacultures? Some figures of translation in Portugal. Polifonia*. Lisboa: Edições Colibri. N.º 9 (2006) p. 77-93.
- SAID, Edward W. – *Representações do intelectual. As palestras de Reith de 1993*. Lisboa: Edições Colibri, 2000.
- SERUYA, Teresa – *Colecções e bibliotecas entre os anos 40 e os anos 70: apontamentos para uma história da colecção Livros RTP-Verbo*. In AAVV – *Colóquio Estudos de Tradução em Portugal. A colecção Livros RTP – Biblioteca Básica Verbo. 1971-72 (18-19 Dez. 2003)*. Lisboa: Universidade Católica Ed., 2003, p. 31-51.
- SERUYA, Teresa; MONIZ, Maria Lin Sousa – *História literária e traduções no Estado Novo. Uma introdução possível*. In AAVV – *IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada – Évora, 9-12 Maio*. [Em linha] [26 Nov. 2007]. Disponível em www: <URL: <http://www.eventos.ucvora.pt/comparada/volumel/Historia%20LITERATURA%20E%20TRADUCOES%20NO%20ESTADO%20NOVO.pdf>>.
- SERUYA, Teresa; MONIZ, Maria Lin Sousa – (org.) – *Translation and censorship in different times and landscapes*. Newcastle: Cambridge Scholar Publishing, 2008.
- TEIXEIRA, Mónica – *Cabral do Nascimento. A palavra da confidência e a herança do simbolismo Francês*. Funchal: DRAC, 1997.
- TOURY, Gideon – *A tradução como meio de planificação e a planificação da tradução*. In SERUYA, Teresa [et al.] (coord.) – *Histórias literárias comparadas: Actas do Colóquio Internacional (11-12 Nov. 1999)*. Lisboa: Colibri-CLCPB, 2001, p. 17-32.
- TOURY, Gideon – *The Nature and Role of Norms in Translation*. In *Descriptive translation studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995, p. 53-64.

Quadro 1 – Traduções assinadas por Cabral do Nascimento

Autores	Obras	Editora – 1.ª ed.	Coleção	Datas	
				1.ª ed	Outras edições
...	<i>As Mil e uma Noites</i>	Minerva	Biblioteca Popular	1964	–
AAVV	<i>5 Obras-Primas da Novela Contemporânea</i>	Portugália	Antologias Universais	1946	–
AAVV	<i>Poe</i>	Verbo	Gigantes da Literatura Universal	1972	–
AAVV	<i>Histórias Fantásticas. Inglesas e Americanas</i>	Portugália	Antologias Universais	1946	–
AAVV	<i>Mestres do Conto Eslavo</i>	Portugália	Antologias Universais	1976 ?	
AAVV	<i>Mestres do Conto Policial. Ingleses e Americanos</i>	Portugália	Antologias Universais	1949?	2.ª-1954
AAVV	<i>Mestres do Moderno Conto Americano</i>	Portugália	Antologias Universais	1943	–
AAVV	<i>Os Melhores Contos Franceses</i>	Portugália	Antologias Universais	1944	–
ANDERSEN, H.Christian	<i>Contos de Encantar</i>	Minerva	–	1958?	3.ª-1969; ?-1990
BARING, Maurice	<i>C</i>	Portugália	Os Romances Universais	1944	–
BEACHCROFT, T.O.	<i>O Fogueiro (1.º Vol.)</i>	Ed. Gama	–	1947	–
BRONTË, Charlotte	<i>O Feitiço</i>	Inova	Duas Horas de Leitura	?	–
BRONTË, Emily	<i>O Monte dos Vendavais</i>	Portugália	Os Romances Universais	1966?	2.ª-1971;
BUCK, Pearl S.	<i>A Serva: Romance</i>	Minerva	Os Melhores Autores Contemporâneos	1952	–
	<i>Carta de Pequim</i>	Minerva	–	1957?	–
	<i>Catorze histórias</i>	Minerva	–	1963	–
	<i>Mulheres- romance</i>	Minerva	Capa Amarela	1947	–
	<i>Sob o céu da China</i>	Minerva	Os Melhores Autores Contemporâneos	1948	–
CAMUS, Albert	<i>O Exílio e o Reino</i>	Livros Brasil	Miniatura	1958	–
CAPOTE, Truman	<i>A Árvore da Noite</i>	Livros Brasil	–	1959	–
	<i>A Harpa de Ervas</i>	Estúdio Cor	Latitude	1957	?-1990
	<i>Outras Terras, Outras Gentes</i>	Livros Brasil	Miniatura	1956	–
CRONIN, A. J.	<i>Balada da Infância</i>	Portugália	Contemporânea	1966	–

				Datas	
COLLINS, Wilkie	<i>A Mulher de Branco</i>	Portugália	Os Romances Universais	?	2. <sup>a</sup> – 1972
	<i>O Sonho e a Vida</i>	Minerva	–	1948	–
DICKENS, Charles	<i>David Copperfield</i>	Portugália	Os Romances Universais	1969	?- 1971
	<i>Oliver Twist</i>	Verbo	Clássicos Juvenis	1974?	?- 1989; ?- 2004
DOSTOIEVSKI, F.	<i>A Granja de Stepanchikovo</i>	Portugália	Os Romances Sensacionais	1943	2. <sup>a</sup> -1965
	<i>Crime e Castigo</i>	Portugália	Os Romances Universais	?	3. <sup>a</sup> - 1966
DU MAURIER, Daphne	<i>Aquele Inverno em Veneza</i>	Inova	Metamorfozes	1973	–
	<i>O Outro Eu</i>	Livros Brasil	Dois Mundos	1958	–
EDGINTON, May	<i>Um Homem Rico: Romance</i>	Minerva	Série Branca	1952	–
ELIOT, George	<i>O Moinho à beira do rio</i>	Portugália	Os Romances Universais	1943	3. <sup>a</sup> -1955?; 4. <sup>a</sup> -1962; 5. <sup>a</sup> - 1969...
EURÍPIDES	<i>Medeia</i>	Inquérito	Clássicos Inquérito	1983	–
EVANS, Benjamin Ifor	<i>História da Literatura Inglesa</i>	Portug/Inst Britânico	Publica. Inst. Britânico	1942?	–
FIELDING, Henry	<i>Tom Jones</i>	Portugália	Os Romances Universais	1966	?-1974
FITZGERALD, F. Scott	<i>Terna é a Noite</i>	Portugália	Contemporânea	1962	2. <sup>a</sup> -1966; ?-1978; ?-1991
FRANÇA, Isabella de	<i>Jornada de uma Visita à Madeira e a Portugal</i>	JGDA Funchal	–	1970	–
FRANCE, Anatole	<i>Os Deuses Têm Sede</i>	Portugália	Contemporânea	1970?	–
GARNETT, David	<i>Um Homem no Jardim Zoológico</i>	Livros Brasil	Miniatura	1958	–
GORKI, Maksim	<i>Voragem</i>	Minerva	Minerva de Bolso	1972	–
GREEN, Graham	<i>Jornada sem Mapas</i>	Minerva	Catavento	1964	–
HANSON,L. e E. HANSON	<i>A Vida de Toulouse -Lautrec</i>	Estúdio Cor	Destinos	1958	–
HARDY, Thomas	<i>Judas o Obscuro</i>	Portugália	Os Romances Universais	1965?	?-1988;
	<i>Longe da Multidão</i>	Portugália	Os Romances Universais	1968	–
HAYES, Joseph	<i>O 3.º Dia</i>	Minerva	–	1967	–
HUGES, Richard	<i>Ciclone na Jamaica</i>	Estúdios Cor	Latitude	1957	–

				Datas	
JAMES, Henry	<i>Retrato duma Senhora</i>	Portugália	Os Romances Universais	1954	2. <sup>a</sup> -1963; ?-1980; ?-1996
JAMESON, Storm	<i>O Incêndio</i>	Minerva	-	1957	-
KESSEL, Joseph	<i>O Leão</i>	Aster	Clássicos do tempo presente	1960	-
LAGERLÖF, Selma	<i>Da Vida e da Morte</i>	Minerva	-	1953	-
LA FAYETTE, M. M.	<i>A Princesa de Clèves</i>	Círculo Leitores	-	1974	-
LAWRENCE, D.H.	<i>A Serpente Emplumada</i>	Ed. Associados	Livros Unibolso	1973	?-1994;
	<i>Canguru</i>	Portugália	Os Romances Universais	195?	?-1994;
	<i>Filhos e Amantes</i>	Portugália	Os Romances Universais	?	?-1982;
	<i>Mulheres Apaixonadas</i>	Portugália	Os Romances Universais	195?	?-2005;
	<i>O Pavão Branco</i>	Portugália	Albatroz	1949?	?-1983;
LONDON, Jack	<i>A Peste Escarlata</i>	Inquérito	Inquérito Juvenil	1983?	-
	<i>O Cão de Circo</i>	Minerva	-	1953	2. <sup>a</sup> -1962;
MAURIAC, François	<i>O Fim da Noite</i>	Estúdio Cor	Latitude	1957	-
MacCULLERS, Carson	<i>Balada do Café Triste</i>	Estúdio Cor	Latitude	1959	?-1989;
	<i>Reflexos nuns Olhos de Ouro</i>	Estúdio Cor	Latitude	1959	?-1989; ?-1990;
MEERSCH, Maxence	<i>Corpos e Almas</i>	Minerva	Os Melhores Autores Contemporâneos	1951	2. <sup>a</sup> -1957; 3. <sup>a</sup> -1961; ?-1981;
PENROSE, Roland	<i>Miró</i>	Ed. Verbo	Grandes Artistas	1972	-
POE, Edgar Allan	<i>Os Crimes da Rua Morgue</i>	Relógio d'Água	Crime Imperfeito	1988?	-
PORCHÉ, François	<i>A Vida de Baudelaire</i>	Estúdio Cor	Destinos	1960	-
PRIESTLEY, J. B.	<i>Já aqui estive</i>	Teatro de Arte	Teoremas de Teatro	1956	-
RADIGUET, Raymond	<i>O Baile do Conde d'Orgel</i>	Livros Brasil	Miniatura	1956	-
REMARQUE, E.-M.	<i>O Obelisco Preto</i>	Livros Brasil	Dois Mundos	1970?	-
SINGER, Isaac B.	<i>O Escravo</i>	Minerva	Capa Amarela	1970	-
SOLDATI, Mario	<i>Cartas de Capri</i>	Minerva	Minerva de Bolso	1974	-

				Datas	
STEVENSON, Robert L.	<i>O Clube dos Suicidas</i>	Portugália	Biblioteca de Algibeira	?	?-1989;
	<i>O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Mr. Hyde</i>	Portugália	Os Romances Sensacionais	1942?	2.ª-1965; ?-1971; ?-1995;
SVEVO, Italo	<i>A Consciência de Zeno</i>	Minerva	Capa Amarela	1957?	-
TINIANOV, Iuri	<i>Um Dom-Quixote Russo</i>	Portugália	Os Romances Universais	1962	-
TOLSTOI, Alexei K.	<i>Pedro o Grande</i>	Círculo Leitores	-	1973?	-
TOLSTOI, Leão	<i>Guerra e Paz</i>	Verbo	Bibl. Verbo Juvenil	1990?	-
TUBERVILLE, A. S.	<i>A Inquisição Espanhola</i>	Portugália	O Livro de Bolso	?	?-196?; ?-1988;
VERLAINE, Paul	<i>Confissões de um Poeta</i>	Portugália	Documentos Humanos	1952?	?-1994;
WELLS, H. G.	<i>Alma Simples</i>	Portugália	Os Romances Universais	1945	-
WILDE, Oscar	<i>Contos</i>	Relógio d'Água	Universos Mágicos	2001?	-
	<i>De Profundis</i>	Portugália	Documentos Humanos	1962	-
	<i>O Crime de Lord Artur Savile e outros Contos</i>	Relógio d'Água	Clássicos	2002?	?-2004;

Quadro 2 – Traduções assinadas com o pseudónimo Mário Gonçalves

Autores	Obras	Editora – 1.ª ed.	Colecção	Datas	
				1.ª ed.	Outras edições
BARCLAY, Florence	<i>O muro da separação</i>	Minerva	Série Branca	1956	–
BENTLEY & ALLEN	<i>O Regresso de Trent</i>	Minerva	Xix	1953	–
BUSCH, Niven	<i>Ódios</i>	Minerva	Bibl. para Todos	1957	–
DIAS, Willy	<i>Xeque ao Amor</i>	Minerva	Série Branca	1960	–
DUNCAN, W.Murdoch	<i>A Hora do Bispo</i>	Minerva	Xis	1965	–
FLAUBERT, Gustave	<i>Madame Bovary</i>	Minerva	Catavento	1953	2.ª-1971; 3.ª- 1993;
GILBERT, Anthony	<i>Miss Fanny Desaparece</i>	Minerva	Xix	1952	–
GORKI, Máximo	<i>Clim Sanguine</i>	Minerva	Os Melhores Autores Contemporâneos	1958	–
	<i>O Espectador (Segunda Parte de Clim Sanguine)</i>	Minerva	Grandes Prosadores Contemporâneos.	1958	–
GRAHAM, Neil	<i>Morte de um Gato Preto</i>	Minerva	Xix	1965	–
LE CARRÉ, John	<i>Chamada para o morto/Um assassino de Categoria</i>	Minerva	Série Espionagem	1967	–
	<i>Chamada para o morto</i>	Ed.70	Alibi	–	2.ª-1984;
	<i>Um Assassino de Categoria</i>	Ed.70	Alibi	–	2.ª-1984;
	<i>Um Crime Quase Perfeito</i>	Ed.70	Alibi	1989?	–
OPPENHEIM,E. Phillips	<i>O Segredo do late</i>	Minerva	Xis	1952	–
PENTECOST, Hugh	<i>A Sombra do Medo</i>	Minerva	Xis	1965	–
STROKER, Bram	<i>Drácula</i>	Minerva	Minerva de Bolso	1972	–
TOLSTOI, Leão	<i>Ana Karerina</i>	Minerva	Catavento	1954	–

Obs.: As indicações relativas a editoras e colecções dizem apenas respeito à 1.ª ed. por nós consultada. Note-se que as edições posteriores por vezes apresentam pequenas variações no título